

Alcoolismo e os impactos à saúde em Comunidades Indígenas da Região Norte do Brasil: uma revisão integrativa

Rebeca de Paula Belmont¹

Jonas Kevin Neto²

Ana Júlia Oliveira Szimanski³

Carolina Pagnussat Gasparin⁴

Rafael Ademir Oliveira de Andrade⁵

Cristiano de Almeida Fernandes⁶

Resumo

O consumo abusivo de álcool entre povos indígenas da Região Norte do Brasil tem se intensificado ao longo dos anos, influenciado por fatores históricos, sociais e culturais. O contato com bebidas industrializadas modificou padrões tradicionais de consumo, resultando em aumento da violência, desnutrição e doenças crônicas. Esta revisão sistemática objetivou analisar o impacto do alcoolismo nas comunidades indígenas da região, considerando os aspectos epidemiológicos, socioculturais e de saúde. A busca de artigos foi realizada nas bases SciELO, Google Acadêmico, ARCA da Fiocruz e CESIR/UNIR, utilizando os descritores “saúde indígena”, “alcoolismo” e “Amazônia”. Foram selecionados seis artigos e uma dissertação para análise. Os resultados indicam que a introdução do álcool industrializado desestruturou práticas tradicionais de consumo, contribuindo para a marginalização social e o enfraquecimento das identidades culturais indígenas. A análise também apontou limitações das políticas públicas, que frequentemente desconsideram a especificidade sociocultural dessas populações. Algumas comunidades, no entanto, têm implementado estratégias próprias para mitigar o impacto do alcoolismo, como restrição ao acesso ao álcool e fortalecimento de práticas culturais. Conclui-se que o enfrentamento do alcoolismo entre indígenas exige uma abordagem multidimensional, que integre estratégias médicas e tradicionais, promovendo a participação ativa das lideranças indígenas.

Palavras-chaves: Alcoolismo; Povos Indígenas; Saúde Pública; Medicina; Amazônia.

¹ Discente do Curso de Medicina pelo Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

² Discente do Curso de Medicina pelo Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

³ Discente do Curso de Medicina pelo Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

⁴ Discente do Curso de Medicina pelo Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

⁵ Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, professor no curso de Medicina no Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

⁶ Mestre em Psicologia, professor no curso de Psicologia no Centro Universitário São Lucas Porto Velho Afya.

Abstract

The abusive consumption of alcohol among Indigenous peoples in the Northern Region of Brazil has intensified over the years, influenced by historical, social, and cultural factors. The contact with industrialized alcoholic beverages has modified traditional consumption patterns, leading to increased violence, malnutrition, and chronic diseases. This systematic review aimed to analyze the impact of alcoholism on Indigenous communities in the region, considering epidemiological, sociocultural, and health aspects. The article search was conducted in SciELO, Google Scholar, ARCA of Fiocruz, and CESIR/UNIR databases, using the descriptors "Indigenous health," "alcoholism," and "Amazon." Six articles and one dissertation were selected for analysis. The results indicate that the introduction of industrialized alcohol has disrupted traditional consumption practices, contributing to social marginalization and the weakening of Indigenous cultural identities. The analysis also pointed out limitations in public policies, which often fail to consider the sociocultural specificities of these populations. However, some communities have implemented their own strategies to mitigate the impact of alcoholism, such as restricting alcohol access and strengthening cultural practices. It is concluded that addressing alcoholism among Indigenous peoples requires a multidimensional approach that integrates medical and traditional strategies, promoting the active participation of Indigenous leadership.

Keywords: Alcoholism; Indigenous Peoples; Public Health; Medicine; Amazon.

Introdução

O álcool é uma das substâncias psicoativas mais consumidas no mundo. No contexto dos povos nativos, o abuso de álcool não é um fenômeno recente e tem sido identificado como um problema de alta relevância para os programas de saúde. Nesse sentido Guimarães e Grubits (2007) apud Coloma (2001) ressaltam que atualmente, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas representa um dos maiores desafios enfrentados pelas comunidades indígenas.

No Brasil, o consumo de bebidas alcoólicas é influenciado por fatores sociais, históricos, culturais, sanitários e econômicos. Segundo dados do Ministério da Saúde, estima-se que 5,6% da população preencha critérios para uso prejudicial do álcool (Brasil, 2019, p. 07). De maneira semelhante, nas

populações indígenas, o abuso de bebidas alcoólicas tem sido apontado como um dos mais graves problemas de saúde, afetando diretamente diferentes povos tradicionais.

A introdução do álcool nas comunidades indígenas tem história remota e esteve frequentemente associada a interesses colonialistas desde o período do Brasil Colônia. Durante a colonização portuguesa, os padres jesuítas desempenharam um papel fundamental na imposição de valores religiosos e culturais, contribuindo para o enraizamento do consumo de álcool entre os indígenas. Essa influência cultural se perpetuou e, até os dias atuais, a ingestão de bebidas alcoólicas continua sendo um elemento presente nas dinâmicas sociais dessas comunidades.

Para diversos povos tradicionais, o consumo de bebidas fermentadas tradicionais esteve historicamente vinculado a contextos rituais festivos. Nessas ocasiões, o consumo era controlado e cessava com o término da bebida disponível. No entanto, com a evolução da sociedade e a facilidade de acesso ao álcool industrializado, essa dinâmica foi alterada, resultando em dificuldades no controle do consumo dentro das comunidades.

O aumento do abuso de álcool tem sido associado a diversos impactos negativos, como a elevação da violência doméstica, homicídios, tentativas de homicídio, divórcios e problemas graves de saúde, incluindo óbitos por cirrose hepática (Farias, Dimenstein e Leite, 2021). Esse cenário afeta diretamente as estratégias de prevenção e promoção da saúde nessas comunidades.

Sobral (2022) aponta que um dos principais desafios enfrentados pelos serviços de saúde é a falta de modelos de atenção que considerem a realidade sociocultural das populações indígenas. Compreender a dinâmica do consumo de álcool nesses grupos exige um olhar que considere os valores e práticas culturais transmitidos ao longo de gerações.

Atualmente, observa-se que algumas comunidades indígenas evangelizadas apresentam uma redução significativa no consumo de álcool. Isso ocorre porque igrejas protestantes vetam o consumo de bebidas alcoólicas,

promovendo uma mudança nos hábitos culturais dessas comunidades (Mendes et al., 2020).

Os riscos à saúde decorrentes do consumo excessivo de álcool são amplamente documentados. O etanol está relacionado ao desenvolvimento de transtornos mentais, comportamentais, dependência química, cirrose hepática, câncer, doenças cardiovasculares e desnutrição. Ademais, o aumento da ingestão de álcool compromete a resolução do problema, perpetuando um ciclo vicioso que afeta diretamente a qualidade de vida dos povos indígenas.

Diante desse cenário, percebe-se que o abuso do álcool entre os povos indígenas é um fenômeno complexo, enraizado em um contexto histórico e social de longa data. Além disso, o consumo excessivo de álcool está frequentemente relacionado à busca por alívio de problemas sociais e emocionais, agravando ainda mais a situação de vulnerabilidade dessas comunidades.

Nesse sentido, este artigo busca analisar o impacto do etilismo sobre os povos indígenas da região Norte, considerando os dados epidemiológicos existentes e a literatura científica. Também serão discutidos os aspectos socioculturais relacionados ao enraizamento do consumo de álcool nessas populações, bem como a evolução desse fenômeno ao longo dos anos e seus malefícios para a saúde e a qualidade de vida das comunidades indígenas.

Metodologia

Este estudo foi conduzido por meio de uma análise bibliométrica, a partir de uma revisão sistemática da produção científica sobre alcoolismo e povos indígenas na Região Norte. Para isso, foram consultados bancos de dados considerados relevantes pelos pesquisadores, como Scielo, Google Acadêmico, ARCA da Fiocruz e a página oficial do Centro de Estudos em Saúde do Índio (CESIR/UNIR). As palavras-chave utilizadas para a busca foram: "saúde indígena", "alcoolismo" e "Amazônia".

Inicialmente, foram considerados todos os trabalhos que abordassem diretamente o objeto da pesquisa, com o objetivo de definir o estado da produção acadêmica sobre o tema, contemplando autores que investigam diretamente

essa problemática. Assim, foram incluídos no corpus os estudos que abordam a população indígena dentro do território brasileiro e que realizam uma análise direta do tema em questão, desde que estivessem publicados e disponíveis integralmente. Foram excluídos textos sem relação direta com o objeto de estudo, que não estivessem publicados integralmente ou que abordassem povos indígenas fora do Brasil. A seleção dos estudos foi realizada a partir da leitura do resumo dos trabalhos.

Não foi estabelecido um recorte temporal, considerando a escassez de trabalhos sobre o tema e a distribuição temporal ampla dessas produções. Contudo, o recorte geográfico foi delimitado a estudos que tratam especificamente das populações indígenas da Região Norte do Brasil.

O método bibliométrico utilizado para análise e seleção do corpus consistiu na aplicação sequencial das palavras-chave. Inicialmente, cada termo foi inserido separadamente nos mecanismos de busca, seguindo a ordem estabelecida: primeiro "saúde indígena", depois "alcoolismo" e, por fim, "Amazônia". A seleção inicial foi feita com base nos títulos dos trabalhos encontrados, formando um corpus mais amplo. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos para filtrar os estudos mais pertinentes ao objeto de pesquisa, que foram posteriormente analisados na revisão bibliográfica.

A análise dos textos selecionados contemplou as seguintes categorias: formas de contato com o álcool (tradicional ou pós-contato), categorias e formas de violência decorrentes do alcoolismo, atenção à saúde para questões relacionadas ao alcoolismo e etnoestratégias de enfrentamento dessa problemática. Dessa forma, buscou-se compreender como os estudos são construídos na área e quais são suas principais conclusões sobre essas questões.

A partir do levantamento bibliométrico, foram selecionados seis artigos e uma dissertação para análise nesta revisão bibliográfica, sendo eles:

- 1) Aspectos psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os karitiana, de Vianna, Cedaro & Ott (2012).

- 2) O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil.- Pereira, Priscilla Perez da Silva; Ott, Ari Miguel Teixeira (2012).
- 3) Impactos comportamentais associados ao etilismo nas etnias do Amazonas: Uma revisão sistemática da literatura, de Souza Maximiliano Loiola Ponte; Garnelo, Luiza (2013).
- 4) Cachaça, Concreto e Sangue! Saúde, Alcoolismo e Violência Povos Indígenas no Contexto da Hidrelétrica de Belo Monte. De Domingues, Willian César Lopes (2017).
- 5) O processo da alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro e as limitações do CAGE como instrumento de screening para dependência ao álcool. De Souza, Maximiliano Loiola Pontes, Júlio César, Garnelo, Luiza. (2007).
- 6) Quando, como e o que se Bebe: o processo de alcoolização entre povos indígenas do Alto Rio Negro, Brasil. Secundino, Francisco Karyvaldo Magalhães.
- 7) Drogas e cultura: novas perspectivas. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os povos indígenas do Uacà. Labate, Beatriz Caiuby; Goulart, Sandra; Fiore, Maurício; MacRae, Edward; Carneiro, Henrique (orgs, 2008).

TABELA 1 – Levantamento dos Artigos Encontrados

Autores e ano	Metodologia	Objetivos	Período da coleta de dados
Pereira & Otto (2012)	Enfoque antropológico, com observação participante e análise quantitativa.	Analisar o processo de alcoolização entre os Tenharim do Rio Marmelos e suas implicações sociais e culturais.	Coleta de dados realizada entre julho de 2009 e janeiro de 2010.
Souza & Garnelo (2013)	Etnográfica, baseada na abordagem interpretativa de Geertz, utilizando observações participantes, entrevistas semi estruturadas e grupos focais.	Analisar o processo de alcoolização entre povos indígenas do Alto Rio Negro, considerando o contexto sociocultural e histórico.	2012 a 2013.
Domingues (2017)	Pesquisa qualitativa, com entrevistas e análise documental.	Investigar a relação entre saúde, alcoolismo e violência entre povos indígenas no contexto da construção da Hidrelétrica de Belo Monte.	
Souza, Schweickardt & Garnelo (2007)	Investigação qualitativa interdisciplinar, baseada na teoria de Geertz e Menendez.	Avaliar a validade do CAGE como instrumento de triagem para dependência de álcool em populações indígenas do Alto Rio Negro.	2002 a 2004.
Secundino (2024)	Revisão sistemática da literatura, com busca em bases como Google Acadêmico, CAPES e SciELO.	Analisar os impactos comportamentais do etilismo entre etnias do Amazonas.	Entre 2019 e 2023.
Labate, Goulart,	Análise	Explorar os usos e	

Fiore, MacRae & Carneiro (2008)	antropológica e sociocultural.	abusos de bebidas alcoólicas entre povos indígenas do Uaçá e suas implicações culturais.	
Vianna, Cedaro & Ott (2012)	Pesquisa qualitativa, com entrevistas e análise de dados psicológicos.	Investigar os aspectos psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os Karitiana.	2009, com visitas à FUNAI e três incursões à aldeia Karitiana.

Fonte: Os Autores (2024).

Resultados e discussões

Os resultados analisados a partir da revisão dos artigos pressupõem que o processo de alcoolização entre populações indígenas no Brasil é multifacetado e impactado por diversos fatores históricos, sociais e culturais. Souza e Garneiro (2013) apontam que a introdução de bebidas destiladas alterou profundamente os padrões de consumo, substituindo práticas tradicionais de consumo controlado por um modelo desregulado e problemático.

Em todas as regiões estudadas, observou-se que o contato interétnico e a introdução de bebidas industrializadas alteraram significativamente os padrões tradicionais de consumo de bebidas fermentadas, como o caxiri e o cauim. Antes consumidas em contextos rituais e sociais bem definidos, essas bebidas passaram a ser substituídas por destilados como a cachaça, resultando em novas dinâmicas de consumo, muitas vezes associadas à dependência e à desestruturação social. Domingues (2017) enfatiza que o impacto do barramento dos rios e a conseqüente mudança na vida das comunidades agravaram o problema do alcoolismo entre os povos indígenas da região do Xingu.

A princípio, é notado o impacto do alcoolismo sobre a saúde física e mental das comunidades, sendo associado a um aumento nos casos de doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, além do crescimento da incidência de

doenças sexualmente transmissíveis e desnutrição. De acordo com Secundino et al. (2024, p. 441), "a desestruturação social decorrente do alcoolismo compromete a coesão comunitária, levando ao aumento da violência e de problemas de saúde mental". Dessa maneira, apresenta-se um aumento na violência intra e extra comunitária, incluindo agressões físicas, homicídios e violência doméstica, especialmente entre grupos que perderam parte de sua autonomia econômica e territorial, o que corrobora para um maior agravamento na saúde e segurança pública.

O consumo de álcool e sua relação com a organização social foram outro ponto recorrente. Em algumas comunidades, como as dos Tenharim e do Alto Rio Negro, ainda existem regras que tentam regular o consumo, limitando-o a contextos festivos e rituais. Entretanto, Vianna, Cedaro e Ott (2012, p. 51) destacam que "os padrões de consumo têm sido alterados, com um crescimento do consumo individual e fora dos espaços tradicionais". Observa-se que em muitos casos essas normas têm sido transgredidas, especialmente entre os jovens, que passam a consumir álcool de forma descontrolada, muitas vezes influenciados por agentes externos, como trabalhadores urbanos, fazendeiros e comerciantes. Essa mudança de padrão está diretamente ligada ao processo de introdução de valores ocidentais que desconsideram as especificidades culturais dos povos tradicionais.

Outro aspecto relevante discutido nos artigos é a insuficiência das políticas públicas voltadas para o alcoolismo indígena. As iniciativas de prevenção e tratamento são escassas e, quando existem, são baseadas em modelos biomédicos que nem sempre dialogam com as concepções culturais indígenas sobre o uso do álcool. Souza et al. (2007) apontam que "o uso de instrumentos de triagem, como o CAGE, mostra-se ineficaz para diagnosticar dependência alcoólica entre indígenas, pois não leva em conta a especificidade do processo de alcoolização". A falta de um modelo de intervenção que considere as especificidades sociais e simbólicas do consumo de álcool entre os povos indígenas contribui para a perpetuação do problema e para a marginalização dos

indivíduos afetados. Logo, evidenciam-se os seguintes pontos a serem discutidos.

Formas de contato com o álcool (tradicional ou pós-contato)

O consumo de bebidas alcoólicas entre os povos indígenas possuía, originalmente, um caráter ritualístico e socialmente regulado. Souza e Garnelo (2013, p. 650) destacam que "o caxiri e outras bebidas fermentadas, como o cauim, têm relatos de sua utilização desde 1924". A bebida era utilizada de maneira cerimonial, como descrito por Nimuendajú (1924), que a menciona como um ato sem importância entre os Kagwahiva. Freitas (1926) e Silva (2006) registram que a bebida era consumida em rituais pós-guerra, conhecidos como "festa da quebra da cabeça do inimigo", além de ser servida juntamente com refeições.

Com o contato interétnico e a introdução de destilados, essa dinâmica se modificou profundamente. Segundo Pereira e Ott (2012, p. 539), "a cachaça passou a ser consumida sem a regulação ritual, tornando-se um elemento desestruturador". Estudos comparativos reforçam que a influência externa intensificou o consumo problemático ao retirar a regulamentação social anteriormente estabelecida (Domingues, 2017). Além disso, há indícios de que a introdução de novas bebidas industriais foi mediada por relações de exploração econômica, nas quais garimpeiros e comerciantes utilizavam o álcool como forma de domínio.

Diferentes grupos indígenas manifestam padrões distintos de contato com o álcool. Algumas etnias mantêm certas tradições rituais, enquanto outras adotaram um consumo mais intenso e sem regulação social (Vianna, Cedaro e Ott, 2012). Outra mudança relevante está na permissão de ingestão de bebidas alcoólicas por crianças e adolescentes, algo que antes era proibido. Mendes et al. (2020, p. 102) afirmam que "o consumo de caxiri, antes preparado pelos mais velhos, tem sido substituído pelo uso predominante de bebidas industrializadas".

Outro fator relevante para o aumento do consumo de álcool nas comunidades indígenas está ligado à pacificação e à transculturalidade. Melo et

al. (2011, p. 320) destacam que "a morte de vários integrantes, especialmente os mais velhos, resultou na perda de conhecimentos tradicionais, rituais e costumes". Com a perda desses anciões e a influência crescente da cultura não indígena, o consumo de bebidas destiladas de maior teor alcoólico tornou-se predominante, substituindo a fermentação artesanal.

Categorias e formas de violências decorrentes do alcoolismo

O alcoolismo nas comunidades indígenas está diretamente relacionado ao aumento da violência, tanto em nível intracomunitário quanto extracomunitário. Souza et al. (2007, p. 747) indicam que "o consumo excessivo de álcool tem sido um fator determinante no aumento da violência doméstica e na fragmentação social". Vianna, Cedaro e Ott (2012, p. 100) ressaltam que "as tensões geradas pelo abuso de álcool exacerbam conflitos familiares e comunitários, muitas vezes culminando em agressões físicas e homicídios".

A violência contra mulheres indígenas também se intensificou. Domingues (2017, p. 52) aponta que "a dependência do álcool tem sido usada como um mecanismo de domínio dentro dos lares, ampliando o ciclo de violência de gênero". Neste mesmo texto, o autor entrevista alguns indivíduos da comunidade, em um dos relatos nota-se a expulsão de um membro da aldeia após episódios de "cachaçada":

"Eu não sei porque que eu estou bebendo, o pessoal disse que eu fico doido quando bebo e quero brigar com eles, não estão me querendo mais na aldeia, já tem um dois meses que eu não vou lá, nem vi mais minha mulher. Eu comecei a beber quando a gente vinha para as reuniões, primeiro era cerveja, depois cachaça mesmo. Lá na aldeia os trabalhadores da empresa davam cachaça pros trabalhadores que eles contratavam, eu era contratado, aí depois eu vinha pra cidade e fiquei gostando de beber. Eu quero parar, mas agora tá difícil, todo mundo dá cachaça pra gente. A barragem pode até ter melhorado pro pessoal, mas pra mim ficou pior porque agora eu bebo direto e antes eu só queria pescar, caçar, trabalhar na roça, ficar na aldeia mesmo". (Entrevista – Domingues, 2017, p. 88).

Atenção em saúde para questões relacionadas alcoolismo

A resposta das políticas públicas ao alcoolismo indígena ainda é insuficiente. Souza et al. (2007, p. 95) criticam a inadequabilidade da saúde pública frente a população dos povos tradicionais, afirmando que "ferramentas ocidentais como o CAGE não capturam as especificidades culturais do consumo indígena". Secundino *et al.* (2024) ressaltam que a falta de equipes multidisciplinares, que incluam antropólogos e lideranças indígenas, prejudica a efetividade das intervenções.

A dificuldade de acesso aos serviços de saúde também impacta diretamente as taxas de recuperação e prevenção do alcoolismo entre os indígenas. Domingues (2017, p. 24) argumenta que "as iniciativas governamentais são esporádicas e não há continuidade na oferta de tratamentos específicos".

Além disso, há poucos programas que consideram abordagens tradicionais de cura e cuidado. Em algumas comunidades, práticas de cura espiritual e tratamentos baseados em ervas são amplamente aceitos, mas raramente são incorporados às políticas de atenção à saúde.

Etnoestratégias para a questão do alcoolismo

Muitas comunidades têm adotado estratégias próprias para lidar com o problema. Pereira e Ott (2012, p. 963) destacam que "algumas aldeias implementaram restrições ao acesso ao álcool e reforçaram a importância dos rituais tradicionais como forma de regulação". Souza e Garnelo (2013, p. 180) enfatizam que "a participação ativa das lideranças na construção de políticas locais tem se mostrado essencial para a mitigação dos danos".

Além de medidas restritivas, algumas aldeias têm desenvolvido programas de conscientização e fortalecimento cultural. A revalorização de práticas ancestrais e a promoção de atividades comunitárias sem a presença do álcool têm se mostrado alternativas eficazes para reduzir o impacto do alcoolismo.

Algumas lideranças indígenas também reivindicam maior autonomia para formular políticas específicas para suas comunidades, enfatizando que uma abordagem integrativa, que respeite suas tradições, pode ser mais eficaz do que

intervenções puramente biomédicas. Isso inclui a criação de espaços de apoio psicossocial dentro das aldeias, a formação de agentes comunitários de saúde indígenas e o incentivo à realização de rituais e celebrações que resgatem os valores culturais ancestrais. Essas medidas visam não apenas reduzir o consumo de álcool, mas também fortalecer a identidade e a coesão social dessas populações vulneráveis.

Por fim, a discussão dos dados evidencia a necessidade de uma abordagem integrada para enfrentar a alcoolização entre povos indígenas, considerando não apenas os aspectos de saúde, mas também os fatores sociais, culturais e históricos que influenciam o fenômeno. A participação das lideranças indígenas e o respeito aos seus saberes tradicionais devem ser elementos centrais em qualquer estratégia de intervenção e prevenção. Como ressaltam Souza e Garnelo (2013, p. 45), "o reconhecimento das especificidades culturais é fundamental para a construção de políticas públicas eficazes e respeitadas às comunidades indígenas".

Conclusão

O consumo abusivo de álcool entre os povos indígenas da região Norte do Brasil é um problema complexo, influenciado por fatores históricos, socioculturais e econômicos. A revisão bibliográfica realizada neste estudo demonstrou que a introdução do álcool industrializado alterou significativamente os padrões tradicionais de consumo, resultando em um aumento da dependência alcoólica e de seus impactos negativos sobre a saúde física e mental dessas populações. O alcoolismo também tem sido associado ao aumento da violência intracomunitária, à desestruturação social e à marginalização econômica e cultural dos povos tradicionais.

Os estudos revisados apontam que, apesar da gravidade do problema, as políticas públicas voltadas para a prevenção e tratamento do alcoolismo indígena ainda são insuficientes e, muitas vezes, inadequadas por não considerarem as especificidades culturais e sociais dessas comunidades. Modelos biomédicos convencionais demonstram limitações na abordagem do problema, uma vez que

desconsideram as práticas tradicionais de regulação do consumo e a necessidade de uma intervenção sensível aos valores e às dinâmicas socioculturais locais.

Por outro lado, algumas comunidades indígenas têm desenvolvido etnoestratégias para mitigar os efeitos do alcoolismo, incluindo a revalorização de práticas culturais, restrição ao acesso ao álcool e programas comunitários de conscientização. Tais iniciativas reforçam a importância de envolver as lideranças indígenas no processo de formulação de políticas de prevenção e tratamento do alcoolismo, bem como a necessidade de programas de saúde integrativos que considerem tanto abordagens biomédicas quanto tradicionais.

Diante disso, conclui-se que o enfrentamento do alcoolismo entre povos indígenas requer uma abordagem multidimensional, que leve em conta os fatores históricos, sociais e culturais que permeiam essa problemática. A construção de políticas públicas eficazes deve priorizar o respeito às especificidades dos povos indígenas e promover a participação ativa das comunidades na elaboração de estratégias de prevenção e intervenção, visando à melhoria da qualidade de vida e à preservação da identidade cultural desses povos.

Referências

BARRETO, Ivan Farias; DIMENSTEIN, Magda; FERREIRA LEITE, Jáder. Percepções sobre o uso de álcool em uma comunidade indígena potiguar.

Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 38, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/36437>. Acesso em: 08 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38419.en>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria Especial de Saúde Indígena. Departamento de Atenção à Saúde Indígena. Manual de monitoramento do uso do álcool em povos indígenas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 18 p.

DOMINGUES, William César Lopes. **Cachaça, concreto e sangue! Saúde, alcoolismo e violência: povos indígenas no contexto da Hidrelétrica de**

Belo Monte. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

FARIAS BARRETO, Ivan; DIMENSTEIN, Magda; FERREIRA LEITE, Jáder. Percepções sobre o uso de álcool em uma comunidade indígena potiguar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 38, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38419.en>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/36437>. Acesso em: 08 fev. 2025.

GUIMARÃES, Liliana A. M.; GRUBITS, Sônia. Alcoolismo e violência nas etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, 1 abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100007>. Acesso em: 08 fev. 2025.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FIORE, Maurício; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MELO, Juliana Rízia Félix de et al. Implicações do uso do álcool na comunidade indígena Potiguar. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 21, 2011, p. 319–333. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000100019>. Acesso em: 08 fev. 2025.

MENDES, Anapaula Martins et al. Representações e práticas de cuidado dos profissionais da saúde indígena em relação ao uso de álcool. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, maio 2020, p. 1809–1818. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.34442019>. Acesso em: 08 fev. 2025.

PEREIRA, Priscilla Perez da Silva; OTT, Ari Miguel Teixeira. O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, n. 43, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000055>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SECUNDINO, Francisco Karyvaldo Magalhães et al. Impactos comportamentais associados ao etilismo nas etnias do Amazonas: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, v. 10, n. 2, p. 439-452, out. 2024. Disponível em: <http://crossmark.crossref.org/dialog/?doi=10.22289/2446-922X.V10N2A26>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SOBRAL, Fábio Batista. Monitorando o uso de álcool entre indígenas. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 4, p. e341307, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1307>. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1307>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; GARNELO, Luiza. Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre povos indígenas do Alto Rio Negro, Brasil. In: SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de (Org.). **Processos de alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais**. Rio de Janeiro: SciELO – Editora FIOCRUZ, 2013.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte; SCHWEICKARDT, Júlio César; GARNELO, Luiza. O processo da alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro e as limitações do CAGE como instrumento de screening para dependência ao álcool. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 2, p. 90-96, 2007.

VIANNA, João Jackson Bezerra; CEDARO, José Juliano; OTT, Ari Miguel Teixeira. Aspectos psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os Karitiana. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kQRdJdV8KPCmSXXx6MJpm4s/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100011>.

